

Além das palavras em um mundo mais do que humano

Más allá de las palabras en un mundo más que humano

Beyond Words in a More-Than-Human World

Enviado: 14.11.22

Aceptado: 19.06.23

Ana Lucia Camphora

Psicóloga (UFRJ), Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS-UFRJ) e Doutora em Ciências Sociais (CPDA-UFRJ). Pesquisadora independente e membro do Grupo de Pesquisa História Regional e Local – UNEB.

Email: alcamphora@gmail.com

Este estudo para o vídeo arte “Além das palavras em um mundo mais do que humano” tensiona a história da ciência e seus registros em diferentes temporalidades. As imagens foram editadas a partir de trechos de filmes institucionais produzidos ao longo do século 20, por instituições soroterápicas brasileiras, como o Instituto Butantan e o Instituto Vital Brazil. Ao revisitar o passado da soroterapia, imagens que antecedem aos “filtros” éticos que naturalizam a espoliação animal nos aproximam da condição de vidas sob intensa manipulação. É preciso ouvir o som ácido de guitarras eletrônicas para romper com o silêncio ensurdecedor sobre práticas de bio-poder em corpos equinos, justificadas pela guerra, pela ciência, pelo esporte, pelo lazer, ou por tudo que diz respeito ao pseudo-centauro congelado, com os olhos voltados para si, incapaz de questionar seus privilégios. “Além das palavras” revisita movimentos, reações, equipamentos, homens da ciência, seus assistentes e a condição equina em diferentes graus de espoliação.

Palavras-chave: bio-poder, sangria de equinos, história da ciência, culturas equestres

Este estudio para el videoarte “Más allá de las palabras en un mundo más que humano” tensiona la historia de la ciencia y sus registros en distintas temporalidades. Las imágenes fueron editadas a partir de extractos de películas institucionales producidas a lo largo del siglo XX por instituciones brasileñas de seroterapia, como el Instituto Butantan y el Instituto Brasil Vital. Revisitando el pasado de la sueroterapia, las imágenes que anteceden a los “filtros” éticos que naturalizan el saqueo animal nos acercan a la condición de vidas sometidas a una intensa manipulación. Es necesario escuchar el sonido ácido de las guitarras electrónicas para romper el silencio ensurdecedor sobre prácticas de biopoder en cuerpos equinos, justificadas por la guerra, la ciencia, el deporte, el ocio, o por todo lo que concierne al pseudo-centauro congelado, ojos hacia adentro, incapaz de cuestionar sus privilegios. “Más allá de las palabras” revisita movimientos, reacciones, equipos, hombres de ciencia, sus asistentes y la condición equina en diferentes grados de expoliación.

Palabras clave: bio-poder, sangrado de caballos, historia de la ciencia, culturas ecuestres.

This study for the video art “Beyond Words in a More-than-human world” tensions the history of science and its records in different temporalities. The images were edited from excerpts from institutional films produced throughout the 20th century by Brazilian serotherapy institutions, such as the Butantan Institute and the Vital Brazil Institute. By revisiting the past of serum therapy, images that precede the ethical “filters” that naturalize animal plundering bring us closer to the condition of lives under intense manipulation. It is necessary to listen to the acid sound of electric guitars to break the deafening silence about practices of bio-power in equine bodies, justified by war, science, sport, leisure, or by everything that concerns the frozen pseudo-centaur, eyes inward, unable to question her privileges. “Beyond words” revisits movements, reactions, equipment, men of science,

their assistants and the equine condition in different degrees of dispossession.

Keywords: bio-power, horse bleeding, history of science, equestrian cultures.

“Além das palavras em um mundo mais do que humano” (Beyond words, in a more-than-human world: <https://youtu.be/xoGQMPrb1CE>), é um estudo para videoarte, apresentado no *Multispecies Ethnography and Artistic Methods Workshop* (www.meam.uliege.be). Este workshop, organizado por pesquisadores das universidades de Upsala, Redboud e Liège, em maio de 2022, explorou interfaces entre o conhecimento acadêmico e a arte, em seus diversos suportes e formas de expressão.

Ali, houve um consenso a respeito de que muitas questões que emanam dos estudos interespecies, ainda não plenamente elaboradas, permanecem parcialmente focalizadas a partir de perspectivas teóricas. Pessoalmente, penso que os estudos interespecies se situam, algumas vezes, em um estágio “in between”, onde mundos humanos e não-humanos estão justapostos, mas não conectados. Há lacunas que sugerem (e demandam) formas diferenciadas de percepção.

Certamente, narrativas artísticas fornecem canais alternativos que ampliam nossa compreensão para além dos parâmetros de representação acessados através de nossas ferramentas acadêmicas. Não creio que a produção e o processo artístico se prestem como “método” de diálogo com o pensamento acadêmico. Uma ideia nesse sentido me parece simplista, e arriscada. A arte não está a serviço da produção acadêmica. De fato, ela subverte essa produção. A arte provoca, exercita outras reflexões com maior liberdade e, assim, diverge bastante da racionalidade acadêmica. Este foi, para mim, o principal desafio proposto naquele workshop: trazer para dialogar campos distintos, lógicas plurais, sem a intenção de subordinar um ao outro. As tensões que surgem daí (e que habitam o interior de minha cabeça) são muito particulares e se formam a partir de outras questões ainda, algumas das quais, no âmbito inconsciente.

Nesse vídeo, tensiono a história da ciência e a forma como seus registros circulam em diferentes temporalidades. Nada mais “autêntico” do que uma imagem produzida com o propósito de registrar a ciência em ação. Os registros visuais das práticas científicas são processados como muito próximos de uma “verdade natural”. Vídeos, gráficos, fotografias e outras representações que integram o processo de produção de conhecimento científico constroem uma apreensão dos critérios e padrões de tomadas de decisão alinhadas aos métodos de intervenção. Servem, ainda, para comunicar as normas culturais que definem essas mesmas práticas. Como observou Kosminsky (2013), as diversas tecnologias que produzem visualidade estão em íntima relação com os procedimentos, os discursos e os regimes de poder constituídos em um determinado ambiente institucional.

Como um registro fidedigno dos modos de intervenção nos corpos animais utilizados em procedimentos experimentais, assim como das possíveis variáveis que interferem no

curso dos procedimentos, essas imagens constituem o mais autêntico registro do esforço científico. Editei trechos de filmes institucionais produzidos ao longo do século 20. São imagens raras e constituem um acervo da memória de instituições soroterápicas brasileiras, como o Instituto Butantan e o Instituto Vital Brazil. Esses registros certamente tiveram a finalidade de propiciar a reprodutibilidade dos métodos de produção do soro equino, já que os procedimentos desenvolvidos pelo Instituto Butantan, ao longo do século 20, se tornaram referência para outras instituições, nacionais e internacionais.

Não é possível dissociar os registros visuais do contexto institucional e histórico de sua produção. Há uma distância histórica bastante evidente nessas imagens, e refletir sobre esse deslocamento no tempo faz sentido quando se trata de pensar sobre a trajetória da indústria de soro equino. A memória das práticas realizadas no interior dos institutos soroterápicos brasileiros também diz algo sobre a forma como uma “ciência do atraso” se conserva ou, como observou Souza (2017:14), na medicina um avanço efetivo do conhecimento se dá com a “superação de paradigmas envelhecidos mais do que pela mera adição de conhecimentos dentro do contexto de paradigmas superados”.

No caso da soroterapia, procedimentos seculares permanecem, apesar das inúmeras indagações e inconsistências relacionadas à sua eficácia terapêutica. Há que se quebrar o silêncio estratégico em torno da produção de soro equino, sobretudo no que diz respeito à centralidade do cavalo em uma indústria onde a implementação de métodos alternativos à exploração do metabolismo equino não constitui uma prioridade.

Ao trazer de volta o passado da soroterapia, essas imagens, que antecedem aos “filtros” éticos que justificam e naturalizam a espoliação animal - tais como o princípio das “5 liberdades” do bem-estar animal, ou o conceito dos 3Rs relativo à utilização do animal na experimentação científica -, se aproximam de um realismo que grita mais alto do que toda essa “nova” ordem numérica que “reescreve” a ética dos modos de intervenção.

Nas últimas décadas, houve uma redução gradual da visibilidade sobre o manejo dos cavalos e informações relativas a tais procedimentos são consideradas como “segredo de produção”. Tal argumento não deixa de ser irônico, quando se trata de uma indústria na qual procedimentos de hiper-imunização atualmente adotados para a produção do soro equino permanecem muito similares aos métodos desenvolvidos na última década do século 19. A própria expressão “soro”, que já deixou de ser considerada cientificamente apropriada, permanece sendo utilizada conservando a tradição associada ao tratamento com o soro antiofídico (o termo “plasma equino hiperimunizado”, seria atualmente, preferível).

Ocorre que imagens do passado talvez não estejam tão distantes da atual condição desses animais. O agenciamento da imagem na esfera midiática contemporânea, as possibilidades de acréscimos e subtrações, acrescenta mais sutileza ao discurso das expressões obscuras, substituídas por outras, sempre mais indecifráveis, expressões. Elas próprias, tecnologias de apaziguamento e de dissolução da ideia de uma vida existente sob intensa

manipulação.



Foto 1. Cabeças brancas (arte digital). Ana Lucia Camphora, 2022.

Esses não são cavalos consumidos à exaustão por olhos estéticos, objeto de abordagens inter-culturais, partes do mercado esportivo ou do negócio de apostas. Seus corpos ágeis não nos seduzem em leilões. Não se prestam a projetos pessoais de empoderamento. Nem dançam em picadeiros, nem mesmo escutam seu trote desarmônico nos asfaltos das periferias. Não são cavalos políticos; nem cavalos-monumentos, a serviço do poder. Sobre eles, muito pouco foi dito desde que seus corpos foram reinventados para ocupar a centralidade de um capítulo decisivo da medicina moderna. A não-existência dessas manadas invisíveis é o resultado de uma construção.

Se, apesar de sua centralidade na produção do soro, a manipulação dos cavalos foi sendo gradualmente invisibilizada nas imagens produzidas para fins científicos, as serpentes devem ser sistematicamente lembradas, “enxergadas”. Há nelas uma carga de dramaticidade crucial para impulsionar o propósito da produção de soro. Os incontáveis registros da manipulação de serpentes venenosas constituem parte do acervo visual da história da ciência brasileira. Desde as primeiras décadas do século passado, o serpentário

do Instituto Butantan se tornou uma atração turística obrigatória para famílias, escolas e visitantes ilustres, na cidade de São Paulo. Por que, então, ignorar os poderosos efeitos tóxicos dos envenenamentos sistemáticos no corpo equino?

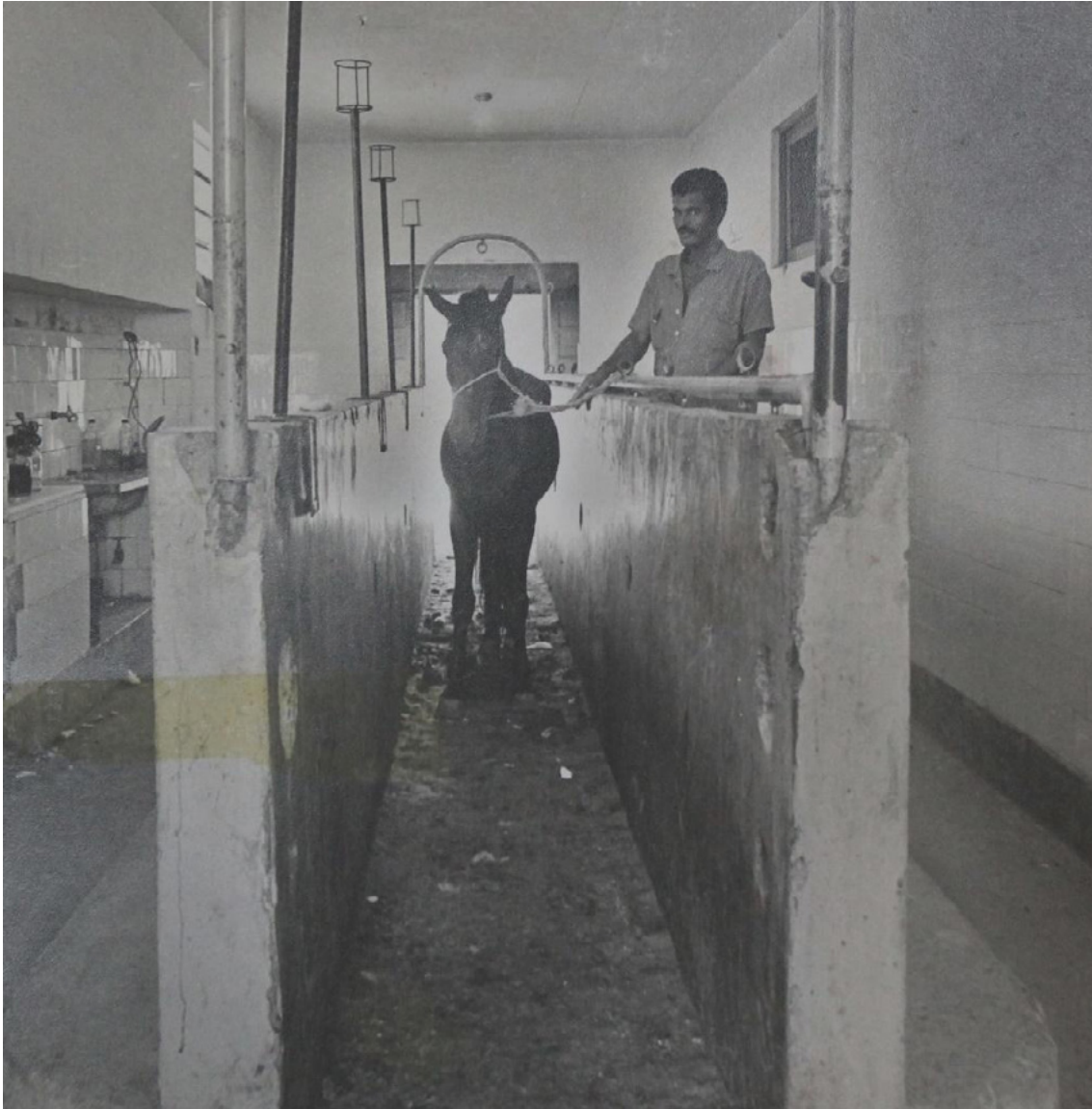


Foto 2. Fotografia digitalizada de Ana Lucia Camphora a partir de foto analógica dos arquivos do Instituto Vital Brazil (1972, sem identificação do autor): fonte Biblioteca do Instituto Vital Brazil, visita em 26/08/2021.

É preciso ouvir o barulho ácido de guitarras eletrônicas para romper com o silêncio ensurdecedor sobre todo o tipo de espoliação praticada nos corpos equinos, justificadas pela guerra, pela ciência, pela estética, pelo esporte, pelo lazer, ou por tudo que diz respeito ao pseudo-centauro congelado, com os olhos voltados para si, incapaz de questionar seus

privilégios. Romper com esse silêncio implicaria recusar a memória herdada do melhor padrão da humanidade, em nome da qual foram erguidos tantos monumentos equestres.

“Além das palavras em um mundo mais do que humano” (<https://youtu.be/xoGQM-PRbICE>) revisita, ainda que de forma breve, os movimentos, reações, equipamentos, homens da ciência, seus assistentes, e a condição equina em diferentes graus de espoliação. Poucos minutos da trajetória de vida desses cavalos nos diz um pouco da experiência e vivência que emerge desse retrospecto. Poucos minutos me parecem suficientes como um convite a dialogar com intensidades ocultas que pretendemos iluminar, mesmo que tardiamente.

Bibliografia

Kosminsky, D. (2013) Visualidade e visualização: olhar, imagem e subjetividade. Em Barbara Szaniecki, Washington Dias Lessa, Marcos Martins e Andre Soares Monat (org). *Dispositivo fotografia e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Nau; PPD ESDI/ UERJ. p 90-108.

Souza, J. (2017) *A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya.

ANA LUCIA CAMPHORA

Nasceu e vive no Brasil. É psicóloga, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS-UFRJ) e Doutora em Ciências Sociais (CPDA-UFRRJ). Entre 2005 e 2013, atuou como consultora independente em políticas de conservação da biodiversidade. Seguindo como pesquisadora independente, desenvolve estudos em história ambiental e sobre relações interespecies. É autora do livro *Animais e sociedade no Brasil dos séculos 16 a 19*, publicado no Brasil, em 2017, com o apoio da Academia Brasileira de Medicina Veterinária. A edição inglesa foi lançada, em 2021, pela The White Horse Press (UK). Desde 2021, desenvolve estudos sobre a utilização de equinos pela indústria de antivenenos, com o apoio do Center for Contemporary Equine Studies (Califórnia, EUA).